

DIOGO MIGUEL CORREIA TOMÁS

**POPULISMO VS PLURALISMO: ASSOCIAÇÃO COM
PREFÊNCIAS DE LIDERANÇA COM BASE NA
TEORIA DOS MODELOS RELACIONAIS**

Orientador: Prof. Doutor Rodrigo Brito

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida**

**Lisboa
2020**

DIOGO MIGUEL CORREIA TOMÁS

**POPULISMO VS PLURALISMO: ASSOCIAÇÃO COM
PREFÊNCIAS DE LIDERANÇA COM BASE NA
TEORIA DOS MODELOS RELACIONAIS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 5 de fevereiro de 2020 , com o Despacho de Nomeação de Júri nº 03/2020, mediante a seguinte composição de Júri:

Presidente: Prof^a. Doutora Ana Loureiro

Arguente: Prof. Doutor Mauro Bianchi

Orientador: Prof. Doutor Rodrigo Brito

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

DEDICATÓRIA

Manuel Correia

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer ao professor Rodrigo Brito pela orientação dada na realização desta dissertação.

RESUMO

O populismo apresenta-se como um fenómeno político da actualidade que emerge como alternativa ao sistema democrático liberal. Neste estudo testámos as associações das atitudes populistas e pluralistas a preferências por estilos de liderança com base em formas de legitimação do poder e à auto-eficácia. Salientamos que o Populismo e Pluralismo não se encontram correlacionadas entre si, o que nos permite compreender desde logo que estas variáveis não são opostas. Confirmámos a hipótese da associação entre a preferência por uma liderança legal-racional (baseada no Mercado e Igualdade) e o Pluralismo, o mesmo não se verificou para a hipótese da associação entre a preferência por uma liderança carismática (baseada na Comunhão e Autoridade) e o Populismo. O Populismo apresenta-se associado aos modelos de Igualdade, Mercado e Comunhão. No entanto, o modelo de Autoridade não apresenta um impacto sobre as atitudes políticas, nem um efeito de interacção com as outras variáveis do modelo. Podemos assim concluir que nem o populismo nem o pluralismo se baseiam numa preferência pelo estilo de liderança com bases autoritárias. As preferências pela Igualdade, Mercado e Comunhão encontram-se relacionadas entre si e apresentam todas tanto um impacto nas atitudes pluralistas como populistas.

ABSTRACT

Populism appears as a current political phenomenon that emerges as an alternative to the liberal democratic system. In this study we tested the associations of populist and pluralist attitudes to preferences for leadership styles based on forms of legitimizing power and to self-efficacy. We emphasize that Populism and Pluralism are not correlated with each other, allowing us to understand from the outset that these variables are not opposite. We confirmed the hypothesis of the association between the preference for legal-rational leadership (based on Market and Equality) and Pluralism; this did not hold for the hypothesis of the association between preference for charismatic leadership (based on Communion and Authority) and Populism. We found Populism to be associated with the models of Equality, Market and Communion. However, the Authority model variable does not have an impact on political attitudes, nor does it have an interaction effect with the other models. We can therefore conclude that neither populism nor pluralism is based on a preference for leadership style with authoritarian bases. The variables preferences for Equality, Market and Communion are related to each other and all have an impact on both pluralist and populist attitudes.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	3
RESUMO	5
ABSTRACT	6
ÍNDICE GERAL	7
ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1A PSICOLOGIA E A POLÍTICA.....	9
1.2 O POPULISMO E O PLURALISMO.....	10
1.3 POPULISMO, LIBERALISMO, E FORMAS DE DOMINAÇÃO: LEGITIMIDADE CARISMÁTICA VS LEGAL-RACIONAL	15
1.4 TEORIA DOS MODELOS RELACIONAIS.....	16
1.5 AUTO-EFICÁCIA.....	19
2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES	20
3. MÉTODO	23
3.1 PARTICIPANTES	23
3.2 MEDIDAS	23
4. RESULTADOS	25
4.1 TESTE DE HIPÓTESES	25
5. DISCUSSÃO	31
5.1 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	37
6. BIBLIOGRAFIA	38
7. ANEXOS	41
7.1 CONSENTIMENTO INFORMADO	42
7.2 QUESTIONÁRIO	43

ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 Estado de arte do Populismo	111
Quadro 2 Características do Populismo.....	133
Tabela 1 Correlações entre Escalas	255

1. INTRODUÇÃO

1.1 A Psicologia e a Política

A pertinência deste estudo está associada à ligação da psicologia com campos como políticas públicas, onde a problematização e questionamento de diversas e diferentes premissas podem permitir o desenvolvimento e compreensão de um conjunto de estratégias que permitam a coexistência de diversos grupos, formas de existir, pensar, sentir e agir, associando, de acordo com Rodrigues e Mattar (2012), questões políticas a questões da psique. Ao associarmos a psicologia à política, surge o objectivo de problematizar orientações e normatividades sociais, de forma a permitir a produção e o aumento de conhecimentos, estratégias e práticas que elevem o potencial de obter evidências sobre pluralismos existenciais que levem à criação de novas formas de atuação nestes campos (Nesbitt-Larking & Kinnvall, 2012, Silva & Carvalhais, 2016, Andreouli & Figgou, 2017).

Assim, o objectivo geral desta dissertação é o de contribuir para a compreensão da relação psicológica entre o indivíduo e o sistema político. Nesse âmbito, levantam-se diversas questões, nomeadamente sobre as atitudes dos eleitores que fundamentam as afiliações políticas, sobre as preferências por regimes populistas ou pluralistas, que reflectem em si diferentes formas de legitimação do poder e de lideranças ideais e, ainda, o papel da auto-eficácia política nas atitudes políticas (populistas ou outras).

No sentido de compreender os fenómenos e constructos envolvidos neste objectivo, é essencial descrever um pouco o estado da arte sobre os diversos conceitos em que assenta. Assim, no que se segue, abordaremos as principais características do populismo e no que se distingue do pluralismo, a teoria dos Modelos Relacionais, que servirá de base para identificar quais as preferências de legitimação do poder e liderança que o populismo e o pluralismo defendem e por fim, explicar no que consiste a auto-eficácia no contexto político.

1.2 O Populismo e o Pluralismo

O populismo é um fenómeno político com alguma história e que recentemente ressurgiu na conjuntura político-social actual. No que concerne à sua definição, este é um conceito bastante vago e difuso, maioritariamente devido a questões históricas, geográficas e ideológicas (Galito, 2017). Presentemente não há dúvida sobre a importância e a pertinência que este tema tem na sociedade, embora a sua doutrina seja extremamente volátil (Ionescu e Gellner, 1969: 4) e a sua definição dispersa e contestada. Divisões geográficas, históricas ou ideológicas prejudicam as tentativas de descrevê-lo. A sua natureza metamórfica permite-lhe ressurgir em conceitos distintos, com grande capacidade de resiliência. É difícil encontrar um denominador comum entre todos os exemplos de populismo ocorridos na história e em regiões diferentes do mundo (Galito, 2017, Dinç, 2016). Por exemplo, no que concerne a níveis históricos, o populismo nas décadas de setenta e oitenta do Séc. XX associava-se ao marxismo estrutural ou com a teoria da modernização, derivando de consequências políticas e históricas de países periféricos ou em desenvolvimento.

Na época seguinte, em termos conceptuais, surgiu o neopopulismo advindo de um mundo em mudança, reduzindo o mesmo a instrumento analítico (Galito, 2017). Ao estudar o populismo é possível perceber diversas questões associadas ao conceito, como o quem são os populistas (classificação), a adjectivação e categorização com base no senso comum (descrição) e por fim a uma perspectiva normativa que diz respeito à vontade da maioria ou colocação em perigo da democracia (Galito, 2017). No entanto, é possível identificar uma linha discursiva comum: o discurso populista representa a sociedade como dividida em dois grupos homogéneos e antagónicos: o povo de “pessoas puras” e uma elite “corrupta” (Mudde, 2004: 543).

Observando as atitudes sociais sobre o populismo, em países desenvolvidos estas tendem a ser mais depreciativas, enquanto que nos países menos desenvolvidos o populismo tem uma maior representatividade e aceitação (Mudde, 2004: 543).

A tabela seguinte permite-nos ter uma visão sumária sobre o estado da arte do Populismo.

Quadro 1 Estado de arte do Populismo

	Definição de Populismo	Unidade de Análise	Métodos Relevantes	Referências
Ideologia Política	Conjunto de ideias interrelacionadas sobre a natureza sociopolítica	Partidos e líderes partidários	Análise qualitativa de textos (literatura partidária)	Mudde (2004, 2007) Mudde e Kaltwasser (2012)
Estilo Político	Discurso com características específicas para reivindicação política	Textos Discursos	Análise interpretativa dos textos	Kazin (1995) Laclau (2005) Panizza (2005)
Estratégia Política	Uma forma de organização e de mobilização	Partidos (com enfoque nas estruturas), líderes e movimentos sociais	Análise histórica comparativa e estudos de caso (case studies)	Roberts (2006) Weyland (2001) Jansen (2011)

Fonte: Galito (2017)

No quadro 1, podemos ver os três pontos essenciais de análise ao populismo: ideologia política, estilo político e estratégia política. Relativamente à ideologia, esta apresenta como características fundamentais o monismo (doutrina segundo a qual há uma unidade ideológica reduzindo assim a diversidade de ideias a uma só) e o moralismo: tanto os “puros” como os “corruptos” padecem dos mesmos interesses e valores, porém, o que os distingue entre si é a moral de cada um (Mudde, 2017).

A estratégia política é caracterizada por discursos que enfatizam a luta contra o sistema e contra a democracia liberal. Os populistas defendem uma democracia clássica que trata de governar para e por tradições conceptuais com o principal objectivo de controlar a população com a identidade do povo, com as características de igualdade que são propriedade da

democracia e com as fontes de controlo popular sobre os governos (May, 1978). O populismo é encarado com uma resposta democrática iliberal ao liberalismo antidemocrático” (Mudde, 2005). Por fim, a estratégia política assenta sobretudo numa acção comunicativa que pretende orientar a população para um entendimento mútuo, naquilo que são os seus interesses através de um processo de discussão direccionado para um consenso. A orientação destas discussões pretende-se racional, embora a acção estratégica também possua a mesma linha de orientação, a acção comunicativa distingue-se pela abertura a um diálogo onde se possa discutir em conjunto quais devem ser os principais objectivos a alcançar por um grupo social. Este entendimento mútuo propicia uma importante facilitação na coordenação de acções e posteriormente, servirá de base para a defesa dos ideais democráticos (Brand, 1990)

Esta visão monista e moralista da sociedade apresentada pelo populismo contesta a visão pluralista adoptada pela democracia liberal (Mudde, 2004). O pluralismo enfatiza a diferença de opiniões, valorizando a protecção dos direitos das minorias mesmo quando põe em prática a vontade maioritária; em contraste, o populismo deseja transparência moral e vê a dissidência com desconfiança, duvidando das suas intenções.

Além disso, convém também compreender que o populismo pode ser um estilo de fazer política adoptada por forças políticas de esquerda e de direita. A tabela seguinte permite-nos compreender as características do populismo de forma mais simplificada.

Quadro 2 Características do Populismo

Em comum	Esquerda	Direita
Ideologia política	Progressista	Conservadora
Antissistema	Criar novo modelo	Regressar a modelo do passado
Programa político generalista	Mais Estado	Menos Estado
Anticorrupção	Contra monopólios privados.	Contra monopólios públicos.
Manipulação das massas (quantitativo) e das suas expetativas (qualitativo).	Mais liberdade.	Mais segurança.
A favor do ‘povo’ (em nome do todo ou da maioria marginalizada).	Modelo social público	Mais responsabilidade social privada.
Discurso pela justiça social	Acabar com os ricos	Acabar com os pobres
Antagonismo (bons e maus)	Luta de classes	Luta de poderes
Tónica	Reivindicações socioeconómicas	Patriotismo/Nacionalismo Identidade cultural e/ou religiosa
Radicalismo	Grupos dissidentes	Líder carismático
Riscos	Ditadura do proletariado	Tiranía (um só líder todo poderoso)

Fonte: Galito (2017)

No quadro 2 podemos ver as diferenças e os pontos em comum do populismo de esquerda e de direita. Se o populismo for uma força de esquerda defensora do povo, o grupo antagónico é a elite rica de direita que governa de forma corrupta e que deve ser combatida pelo mal que impinge à maioria. Se o populismo for de direita, deseja defender a “maioria silenciada” que se vê impossibilitada de afirmar a sua cultura ou que necessita de ser protegida devido a ameaças exteriores (Galito, 2017).

O populismo de esquerda é mais comum em países em desenvolvimento ou com elevados níveis de pobreza; é progressista, orientado para o futuro, defende a liberdade e

robustece o papel do Estado e manifesta sobretudo preocupações socioeconómicas. Caracteriza-se pelas dinâmicas de grupo que produz. Considera a luta de classes e providencia os interesses do todo, porém pode derivar para uma ditadura do proletariado (Galito, 2017).

Por sua vez, os populismos de direita são conservadores e surgem em contextos mais opulentos, onde existe menor assimetria social e uma necessidade obsessiva de recuperar ou reafirmar valores, culturais, religiosos ou sociais, relacionados com a identidade do país e do seu papel no mundo. (Galito, 2017).

O populismo é uma ideologia, mas também uma estratégia de um tipo de discurso radical e anti-sistémico, generalista e antagonista, que se opõe à corrupção e se declara a favor da justiça social. Implica riscos e pressupõe algumas formas de manipulação das massas e das suas expectativas (Galito, 2017).

Além disso, de acordo com a sociologia política das emoções, é possível compreender que os comportamentos humanos podem ter uma natureza menos racional, tendo impacto na tomada de decisões na produção de fenómenos políticos, como o populismo Galito (2017). Não nos devemos esquecer que, ao falarmos de política, existe ainda uma vertente mais passional e romântica, que pode ser usada como um perigoso instrumento de manipulação com influência em comportamentos de esfera pública, interesse nacional e utilidade privada e subjectiva Galito (2017).

Em oposição ao populismo, o pluralismo apresenta-se como um conceito que sustenta a democracia moderna; uma ideia de diversidade que na política actual revela-se na possibilidade de diferentes partidos possuírem direitos iguais no acesso ao exercício do poder político, de acordo com os procedimentos eleitorais estabelecidos. O pluralismo tem preferência por políticas baseadas na consonância e na cooperação, ao passo que o populismo vê o mundo como naturalmente dividido em grupos antagonistas (Hawkins, Riding and Mudde, 2012: 3).

1.3 Populismo, liberalismo, e formas de dominação: Legitimidade carismática vs legal-racional

É ainda preciso compreender que tanto populismo como o liberalismo possuem a figura de líder político, sendo que a escolha dos líderes pode ser realizada por diversos meios.

De acordo com Mudde, (2004) para os populistas o Estado deveria ser liderado por uma pessoa com carisma, dotado de uma virtude única, reconhecida pelos demais. No que concerne às características dos líderes populistas, Galito (2017), destaca que este pode ter uma grande capacidade de mobilização, ser carismático e até gerar um culto à volta da sua personalidade, tendo um discurso mais agressivo, arrogante ou teimoso, ou pelo contrário, ser um comunicador amável, simpático, janota e bem-falante. Cada uma dessas posturas pode resultar melhor consoante o contexto em análise (Galito, 2017).

Sendo a política um elemento da ordem social, implica formas de dominação social através do estado. Segundo Max Weber (1913) a dominação é a autoridade de um ou mais indivíduos sobre o outro ou outros. A dominação emerge de motivações como o respeito pelas leis e procedimentos regulares e previsíveis produzidos de forma a maximizar a racionalidade das decisões (legitimidade legal-racional), a admiração pessoal (legitimidade carismática), ou os costumes e tradições (legitimidade tradicional).

Para Weber (1913) as democracias liberais baseiam-se sobretudo na legitimidade legal-racional. Autores recentes usam o quadro de Weber para distinguir entre populismo e democracia liberal; por exemplo Pappas (2016) propõe que se analise o ‘carisma’ de líderes populistas. A liderança carismática estabelece uma relação directa entre o líder e os seus apoiantes e o ‘carisma’ dos líderes define-se pela sua capacidade de o fazer.

1.4 Teoria dos Modelos Relacionais

O estudo dos seres humanos, e a sua relação com os diversos fenómenos e sistemas por onde se movem, é um campo de investigação que tem vindo a ganhar maior relevo, sendo importante ainda neste campo, perceber como atitudes podem ou não estar moldadas de acordo com diferentes factores.

Os seres humanos são indiscutivelmente seres sociais, passando a maioria do seu tempo em interacção social, seja com a família, amigos, colegas de trabalho, entre outros. Mais, a maioria destas ocorrem sem a emergência de conflitos, salientando a capacidade e a orientação para a forma de sustentar relações interpessoais variadas (Brito, Waldzus, Sekerdej & Schubert, 2011).

Uma das variáveis mais importantes ao estudar a forma como os seres humanos interagem são os seus grupos sociais e as suas diversas formas de pertença, sendo estas tomadas de forma mais ou menos garantida, e com diversidade de orientações pessoais e coletivas de uns para os outros. Ao perceber que a maioria das relações humanas tem um grande peso no quotidiano individual e social, torna-se importante encontrar uma teoria que permita suportar estas assunções.

A Teoria dos Modelos Relacionais (TMR) (Fiske, 1991, 1992, 2000; Haslam & Fiske, 1999), baseia-se em pesquisas e teorias sociológicas, antropológicas e psicológicas. Esta teoria afirma que os seres humanos utilizam quatro modelos elementares para interagirem, e para produzir, compreender e envolverem-se numa variedade de relações pessoais e sociais em variadas formas culturais (Fiske, 2000). De acordo com Haslam (2004), esta é uma teoria bastante útil para o entendimento multinível da socialização humana de forma transversal às diferentes culturas e aos diversos fenómenos.

Segundo esta teoria, existem quatro modelos psicologicamente relevantes, que satisfazem tanto necessidades como motivações, e que circunscrevem a interacção social, incluindo a identidade e formação de grupos, trocas e distribuições, influência social,

Diogo Tomás – Populismo e Pluralismo: com preferências de Liderança com base na Teoria dos Modelos Relacionais
organização do trabalho e tomada de decisão, que são seguidas e mantidas nas relações entre os diferentes atores sociais, a saber: a Comunhão, a Autoridade, a Igualdade, e o Mercado.

No que diz respeito à preferência por cada modelo, esta depende principalmente da definição da relação, dentro dos padrões sociais definidos. Cada modelo serve de estrutura que satisfaz uma das diferentes motivações e necessidades implícitos na natureza da relação em causa.

No modelo de Comunhão, a integração numa unidade social comum satisfaz a motivação para a afiliação e intimidade entre os intervenientes; regista-se também uma união de interesses, uma partilha indiferenciada de recursos, e maior conformismo às normas sociais do grupo, que prevalece sobre os interesses do *eu*.

No modelo de Autoridade o ponto que mais se evidencia é que um indivíduo encontra-se sempre acima ou abaixo de outro(s). Este modelo respeita a identidade relacional, isto é, duas pessoas não se podem justapor uma à outra: se X tem uma posição superior ao Y, e no mesmo sistema relacional, Y tem uma posição superior a X, logo X e Y são a mesma pessoa (Fiske, 1992, p. 661). Assim, consideramos que os indivíduos podem estabelecer relações de Autoridade quando organizam os outros no espaço, tempo, magnitude e força: esta física das relações é expressiva, criando relações sociais por via do estruturamento das pessoas em termos de quantidade, posição e ordem temporal (Fiske, 2004).

No modelo de Mercado as relações são estruturadas em contratos apoiados em escolhas racionais – de acordo com a relação custo/benefício dentro de uma área social ou de mercado – e motivação para a eficiência, equidade e realização. São patentes em organizações e entidades formais, assim como em associações (sindicais ou de cariz profissional) e mercados (bolsa de valores, organizações bancárias). As pessoas num relacionamento MP por norma restringem todas as particularidades e elementos relevantes em consideração a um valor único ou métrica prática que permita a comparação de diferentes factores quantitativos ou qualitativos e, no que lhe concerne, propicia que os indivíduos definam o valor social relativo

Diogo Tomás – Populismo e Pluralismo: com preferências de Liderança com base na Teoria dos Modelos Relacionais
dos parceiros relacionais em relação um ao outro e o resultado relacional comparativo para cada parceiro na relação (Fiske, 1992).

Por fim, o modelo Igualdade “é uma estrutura relacional através da qual as pessoas podem comparar quantidades e usar operações de adição e subtração para avaliar o desequilíbrio de uma dada relação” (Fiske, 1992, 690). Nesta relação, a assimetria apresenta uma importância primordial, tal como nas relações de Autoridade, mas de diferente modo. Assim, quando as pessoas têm relações do tipo Igualdade as diferenças não são apenas direcionais (como nas relações Autoridade), também têm magnitudes: as pessoas pensam sobre o quanto elas têm de dar para retribuir ou compensar ou sair igualados com os outros (Fiske, 1992, p. 703).

Segundo Fiske & Haslam (2005) as relações de Igualdade são operações concretas que demonstram ostensivamente uma relação equilibrada, de forma que fazem uma relação identificar-se como justa e comprometer os participantes aos resultados. Podemos ter como exemplos de processos Igualdade: votações; troca de turnos, loteria; etc. (Fiske, 2004).

Dada a definição de Max Weber (1913) sobre a dominação, onde refere os diferentes tipos de liderança e juntamente com a teoria dos Modelos Relacionais (Fiske, 1991), definimos que uma liderança que surge de motivações que zelam pela maximização da racionalidade das decisões tem como fundamento os Modelos Relacionais de Igualdade e Mercado (legitimidade legal-racional). Por sua vez, uma liderança que se baseia na admiração pessoal tem como fundamentos os Modelos de Relacionais Comunhão e Autoridade (legitimidade carismática)

Para Weber (1913) as democracias liberais baseiam-se sobretudo na legitimidade legal-racional, logo assumimos que os participantes que manifestam atitudes pluralistas apresentam uma preferência por este tipo de liderança. Por seu turno, para os populistas o Estado deveria ter um líder com carisma, dotado de uma virtude única, reconhecida pelos demais, mas simultaneamente representativo do que é a essência do seu ‘povo’ (Mudde,

Diogo Tomás – Populismo e Pluralismo: com preferências de Liderança com base na Teoria dos Modelos Relacionais (2004). Consideramos assim que uma liderança carismática, preferencial dos populistas, tem como fundamento os Modelos de Relação Comunhão e Autoridade.

1.5 Auto-eficácia

A auto-eficácia é a crença que os indivíduos possuem sobre as suas capacidades para organizar e influenciar a direcção das acções envolvidas no alcance de um determinado objectivo (Bandura, 1986,1997 citado por Vecchione et al., 2014). As crenças de auto-eficácia contemplam uma influência significativa sobre a motivação e o esforço individual em diversos domínios funcionais, tais como: o desempenho académico e laboral, o bem-estar, a saúde física e as atitudes políticas (Vecchione et al. 2014).

Neste estudo o foco direccionar-se-á sobre a influência que as crenças de auto-eficácia têm no domínio da política. De acordo com Campbell, Gurin e Miller (1954), a eficácia política apresenta-se como o sentimento que uma acção política individual tem, ou poderá ter, impacto sobre o processo político. A eficácia política contempla duas perspectivas distintas: externa e interna. Na perspectiva externa, a eficácia é vista como a crença que os indivíduos detêm de que o sistema político é passível de mudança por via de uma acção individual. Por seu turno, na perspectiva interna, a eficácia assume-se como a crença que os indivíduos dispõem em relação à sua capacidade pessoal de influenciar os resultados pretendidos no domínio político (Balch,1974).

Neste trabalho abordar-se-á somente a perspectiva interna. A um nível individual e psicológico, os indivíduos que apresentam maior auto-eficácia (interna) no domínio da política sentem que o sistema democrático liberal oferece-lhes mais liberdade de acção, permitindo-lhes escolher quais as políticas que mais os favorecem no percurso até à concretização efectiva dos seus objectivos individuais. Assim, é plausível supor que um nível elevado de auto-eficácia esteja relacionado com atitudes pluralistas. Em contraponto, a menor auto-eficácia no domínio político, que resulta numa baixa crença na capacidade individual e na dependência externa e contextual no alcance dos objectivos pretendidos, poderemos supor que se apresenta associada às atitudes populistas.

2. OBJECTIVOS E HIPÓTESES

Neste contexto, e no sentido de compreender a relação psicológica do indivíduo com o sistema político, levantam-se diversas questões, nomeadamente sobre se as atitudes populistas e pluralistas apresentam diferenças preferenciais ao nível da legitimação do poder e liderança e sobre a relação entre a auto-eficácia e confiança generalizada, por um lado, e as atitudes populistas, por outro. Assim, apresentam-se como objectivos do estudo:

1. Verificar a associação das diferentes atitudes políticas a diferentes tipos de liderança política idealizada com base em conjugações dos modelos relacionais, baseadas em visões distintas relativamente à legitimação do poder;
2. Verificar a relação entre as atitudes populistas e pluralistas e a auto-eficácia.
3. Testar a relação entre estes três conjuntos de variáveis, nomeadamente a mediação da relação entre as variáveis psicológicas e as atitudes políticas pela idealização da liderança política baseada em diferentes modelos relacionais.

Propomos assim que a Comunhão, que tem como fundamento a união de interesses e o maior conformismo às normas sociais do grupo em detrimento das individuais, e a Autoridade, que tem como fundamento a ideia de que nas estruturas sociais existem sempre indivíduos acima ou abaixo de outros, representam respectivamente a visão monista e a crença num só líder capaz de representar as vontades da maioria do povo, superiores às das minorias, ideias essas que são fundamentos da ideologia populista.

Em contraste, queríamos entender se as atitudes pluralistas estariam associadas a preferência por uma liderança racional, que é constituída por um fundamento de Igualdade e Mercado nas relações eleitor-representante. A associação da Igualdade e Mercado emerge da análise realizada ao contexto político das sociedades ocidentais contemporâneas, o qual tem na sua raiz um sistema democrático liberal (pluralista) onde as

escolhas dos representantes tem como base um processo eleitoral suportado por escolhas racionais. Ora, este sistema zela pelo acesso igualitário de diferentes grupos ao poder, por via da eleição. A eleição através de votação igualitária, que podemos considerar como um processo que tem como base uma relação de Igualdade, é uma operação concreta que demonstra de forma clara uma relação equilibrada entre eleitores, aparentando justiça na sua génese bem como uma credibilidade satisfatória dos resultados perante os participantes. Por outro lado, as escolhas dos representantes por parte dos diferentes grupos tem como base uma relação de Mercado, pois a escolha é realizada de acordo com a relação custo/benefício, com base na motivação para a eficiência e equidade, de modo a eleger candidatos que manifestem as características que correspondam com aquelas que o cargo em si exige.

Pretendíamos também verificar se a preferência por modelos de relação com políticos assentes na Igualdade e no Mercado estão relacionadas com maiores níveis de auto-eficácia. A um nível individual e psicológico, os indivíduos que apresentam maior auto-eficácia no domínio da política sentem que o sistema democrático liberal oferece mais liberdade de acção aos cidadãos, permitindo-lhes escolher quais as políticas que mais os favorecem na concretização efectiva das suas aspirações políticas de base cívica ou ideológicas. Assim, é plausível assumir que um nível mais elevado de auto-eficácia esteja relacionado com mais atitudes pluralistas, tendo estas como base uma relação de Igualdade e Mercado.

Por seu turno, pretendíamos verificar se a preferência por modelos de relação baseados na Comunhão e Autoridade estariam relacionados com menores níveis de auto-eficácia. Suponhamos que a apresentação de menores níveis de auto-eficácia no domínio político, que resulta numa baixa crença na capacidade individual e na dependência externa e contextual no alcance dos objectivos pretendidos, estaria associada às atitudes populistas.

Finalmente, testámos a hipótese exploratória de haver uma relação entre o modelo de Autoridade e a tendência de voto na dimensão ideológica esquerda-direita. O espectro de esquerda-direita é a forma mais usada para organizar as ideologias e a própria competição partidária no mundo contemporâneo. A grande maioria dos europeus consegue colocar-se neste esquema que opera como uma espécie de “código” que pode ser usado enquanto um

contínuo ou uma dualidade (Heywood, 2003; Freire, 2006). Diferentes estudos ligam a direita “às noções de hierarquia, propriedade privada, ordem, individualismo, menor intervenção pública, livre empresa ou defesa das classes mais altas. A esquerda surge associada a ideias de solidariedade e defesa de maior igualdade, um papel mais relevante do estado na sociedade e na economia, bem como uma certa ideia colectivismo, secularismo e defesa das classes mais baixas” (Luponce, 1981; Funchs, Klingsmann, 1990; Freire, 2006). Ora, a Autoridade, que tem como fundamento a visão hierárquica da sociedade, pode associar-se a uma tendência ideológica mais à direita, pois esta tem como uma das suas noções principais a manutenção das hierarquias sociais, mas por sua vez, também pode estar associada a uma tendência ideológica mais à esquerda na medida em que a este lado do espectro defende que o estado deve assumir um papel relevante e por vezes de liderança centralizadora em detrimento das outras instituições sociais.

Assim, prevíamos que:

Hipótese 1a) - As atitudes populistas estão associadas a uma preferência por uma liderança carismática, que é uma conjunção de Comunhão e Autoridade nas relações eleitor-representante.

Hipótese 1b) - As atitudes pluralistas estão associadas a uma preferência por uma liderança racional, que é constituída por um fundamento de Igualdade e Mercado nas relações eleitor-representante.

Hipótese 2a) - As preferências por modelos de relação com políticos assentes na igualdade e no mercado estão relacionadas com maiores níveis de auto-eficácia.

Hipótese 2b) - As preferências por modelos de relação com políticos assentes na comunhão e na autoridade estão relacionadas com menores níveis de auto-eficácia.

3. MÉTODO

3.1 Participantes

Um total de 163 sujeitos (86 (52,8%) ♂ e 77 (47,2%) ♀), com uma média de idades entre os 20 e os 89 anos de idade ($M=47,35$; $DP=15,98$) foi recrutado através de um questionário online por via do método da Bola de Neve (pela internet), criado com a plataforma Qualtrics, tendo o link para o estudo (http://isctecis.co1.qualtrics.com/jfe/form/SV_eURHhvpJnK1pRJj) sido enviado para sites e contas em redes sociais associadas a partidos políticos. A amostra obtida é assim não aleatória e a participação neste estudo era de natureza voluntária: os participantes foram informados dos objectivos do estudo e da sua finalidade e foi obtido o seu consentimento informado, bem como da confidencialidade de todas as suas respostas, sendo ainda oferecida a possibilidade de desistir a qualquer momento. O tempo médio de preenchimento do instrumento de recolha de dados foi de 15 minutos. E no que concerne às suas habilitações literárias, 14,7% dos participantes não concluíram mais que o Ensino Básico, 30,7%, o Ensino Secundário, 38% uma Licenciatura, 15,3% com Mestrado e 1,2% com Doutoramento.

3.2 Medidas

Atitudes populistas vs pluralistas (Akkerman, A., Mudde, C., & Zaslove, A. (2014). A escala avalia as atitudes pessoais relativas ao populismo, pluralismo e elitismo, sendo dividida num total de 14 de itens, numa escala de Likert de 1 a 7, onde 1 corresponde a Não concordo de modo nenhum e 7 Concordo totalmente. A dimensão populismo é avaliada por 8 itens (ex: “A política é, fundamentalmente, uma luta entre o bem o mal”, “Os políticos eleitos falam de mais e agem de menos”; $\alpha = .73$), a de pluralismo que é avaliada por 3 itens (ex: “É importante escutar a opinião de outros grupos sociais” $\alpha = .37$) e da elitismo que é avaliada por 3 itens (ex: “O nosso país seria mais bem governado se as decisões importantes fossem tomadas por pessoas de negócio”; $\alpha = .32$)

Preferências relacionais com líderes: Medida adaptada do *Modes of Relationship Questionnaire* de Haslam e Fiske (1999). A escala avalia legitimação da autoridade por via dos modelos relacionais, sendo dividida num total de 16 itens descritivos da relação dos políticos eleitos com os cidadãos, com uma introdução em que se pedia para os participantes avaliarem em que medida cada um dos itens representava uma relação ideal para si, numa escala de Likert de 1 a 7, com âncoras verbais em 1 “Não representa de modo algum” e 7 “Representa completamente”. A dimensão Comunhão foi avaliada por 4 itens (ex: “Tem sentimentos de gentileza e compaixão para com os/as seus/suas concidadãos/ãs”, $\alpha = .63$), a de Igualdade por 4 itens (ex: “Sente-se um/uma igual aos/às seus/suas concidadãos/ãs” $\alpha = .70$), a de Autoridade que é avaliada por 4 itens (ex: “Sente que devia ser tratado/a com especial respeito pelos/as seus/suas concidadãos/ãs”; $\alpha = .62$) e de Mercado avaliada por 4 itens (ex: “Sente que devia tratar os/as seus/suas concidadãos/ãs de acordo com o quanto cada um contribui para a sociedade”).

Auto-eficácia Política – Escala de Michele Vecchione, Gian Vittorio Caprara, Maria Giovanna Caprara, Guido Alessandri, Carmen Tabernero e José Luis González-Castro (2014). A escala avalia os níveis de auto-eficácia política pedindo aos participantes para indicar a frequência com que adoptam quatro tipos de comportamento político numa escala de Likert de 1 a 7, onde 1 corresponde a “Nunca” e 7 a “Sempre que há uma oportunidade” (ex: “Promove iniciativas públicas com o objectivo de apoiar programas políticos que defende”; $\alpha = .72$).

4. RESULTADOS

Para testar as nossas hipóteses, começámos por analisar as correlações entre as variáveis principais. Na Tabela 1 encontram-se as intercorrelações entre as diferentes escalas e as suas descritivas. Verificamos a existência de correlações significativas mas fracas entre o Populismo e Pluralismo e entre Populismo e Elitismo. Relativamente aos modelos relacionais, as variáveis Comunhão – Igualdade e Comunhão – Mercado encontram-se associadas. Não se verificam associações significativas entre a variável Autoridade e as restantes. A variável Auto-eficácia não se encontra correlacionada com nenhuma das outras.

Tabela 1 Correlações entre Escalas

	1	2	3	4	5	6	7	8	<i>M</i>	<i>SD</i>
1. Populismo	-	.18*	.25**	.31**	.35**	.07	.29**	.06	4,44	1,02
2. Pluralismo	-	-	-.13	.44**	.43**	.14	.29**	-.04	3,18	1,24
3. Elitismo	-	-	-	-.21*	-.15	.10*	.03	.13	3,18	1,24
4. Comunhão	-	-	-	-	.70**	.06	.62**	.13	5,17	1,18
5. Igualdade	-	-	-	-	-	.16	.71**	.00	5,35	1,19
6. Autoridade	-	-	-	-	-	-	.76	-.15	4,49	1,21
7. Mercado	-	-	-	-	-	-	-	.05	5,43	1,61
8. Auto-eficácia	-	-	-	-	-	-	-	-	3,04	1,49

4.1 Testes de Hipóteses

Para testar as hipóteses relativas à relação entre as preferências relacionais e o populismo, pluralismo, realizámos uma série de análises de variância e regressões lineares. A partir das hipóteses construídas para este estudo, pretendia-se perceber se as atitudes populistas estavam associadas a uma preferência por uma liderança carismática, que é sugerida por uma junção de Comunhão e Autoridade nas relações eleitor-representante e, em contraste, se as atitudes menos populistas estavam associadas a uma preferência por uma liderança racional, que é sugerida por um fundamento de Igualdade e Mercado nas relações eleitor-representante (Hipótese 1 a) e 1 b)). Pretendia-se também, verificar se a preferência por modelos de relação com políticos assentes na Igualdade e no Mercado estariam relacionadas com maiores níveis de auto-eficácia e, em contrapartida, se a preferência por modelos de relação baseados na Comunhão e Autoridade estariam relacionados com menores níveis de auto-eficácia (Hipótese 2 a) e 2 b)).

Finalmente, testou-se a hipótese exploratória de haver uma relação entre o modelo de Autoridade e a tendência de voto na dimensão ideológica esquerda-direita.

Para averiguar o efeito das preferências pelas diversas combinações dos vários modelos relacionais nas atitudes populistas e pluralistas, construímos quatro novas variáveis a partir de um *median-split* das variáveis que mediam as preferências pelos modelos relacionais na liderança política: todas as variáveis foram divididas em dois níveis: os participantes cujas pontuações em valores que se encontram acima da mediana, e os participantes cujos valores que se situam abaixo da mediana em cada um desses modelos.

De seguida, recorreremos ao Modelo Geral Linear (GLM) com as variáveis construídas pelo cruzamento das preferências de modelos relacionais como variáveis independentes e tendo o Populismo e Pluralismo como variáveis dependentes. Queríamos com esta análise entender qual o efeito dos modelos relacionais nas atitudes populistas e pluralistas; mais especificamente, se as atitudes populistas estão associadas à preferência por uma liderança que tem como base a Comunhão e a Autoridade (liderança carismática), e se as atitudes pluralistas estão associadas a uma preferência por uma liderança que tem como fundamento a Igualdade e o Mercado (liderança racional-legal) de acordo com as hipóteses 1 a) e 1b).

Para testar o efeito dos tipos relacionais de liderança sobre o populismo, controlando para os efeitos de correlações entre elas, realizámos uma série de análises de regressão linear com método *stepwise* com as quatro preferências relacionais como VIs. Os resultados indicam um efeito apenas da Igualdade, $\beta = .29$, $p = .002$, que explica 8% da variância do populismo (r^2 ajustado = .08). Realizámos de seguida a mesma análise para verificarmos o efeito dos tipos relacionais de liderança sobre o pluralismo. Os resultados indicam apenas um efeito da Comunhão $\beta = .26$, $p = .029$ e da Igualdade $\beta = .25$, $p = .032$ que explicam conjuntamente (20%) da variância do pluralismo. Por fim, para testar o efeito da variável dos modelos relacionais, Autoridade, sobre tendência ideológica (esquerda-direita) dos participantes, realizámos uma análise de regressão linear com método *stepwise*. Os resultados indicam um efeito da variável Autoridade $\beta = .40$, $p = .021$ que explica 4% (r^2 ajustado = .04) da variância da tendência de voto (esquerda-direita).

Começamos por notar que os participantes preferem os modelos Comunhão ($M = 5.10$; $SD = 1.22$) ($F(1,117) = 15.46$; $p = .000$), Igualdade ($M = 5.24$; $SD = 1.20$) ($F(1,117) = 28.32$; $p = .000$) e Mercado ($M = 5.32$; $SD = 1.20$) ($F(1,117) = 31.33$; $p = .000$) ao de Autoridade, respectivamente $M = 4.90$; $SD = 1.21$; $M = 4.48$; $SD = 1.20$; e $M = 4.48$; $SD = 1.21$ (os valores de Autoridade variam porque nem todos os participantes responderam a todas as escalas).

Realizámos uma análise factorial a 2 factores para comparar os efeitos principais e de interacção de Comunhão e de Autoridade sobre o Populismo. Os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,113) = 0.05$; $p = .822$), e um efeito significativo simples da Comunhão ($F(1,113) = 22.85$; $p = .000$) mas não de Autoridade ($F(1,113) = 0.14$; $p = .708$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Comunhão com baixa Autoridade ($M = 3.92$; $SD = 1.00$) e com elevada Autoridade ($M = 3.80$; $SD = 0.90$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Comunhão tanto com elevada Autoridade ($M = 4.78$; $SD = 1.00$) como com baixa Autoridade ($M = 4.74$; $SD = 1.00$). Realizámos também uma análise factorial a 2 factores para comparar os efeitos principais e de interacção de Igualdade e de Mercado sobre o Pluralismo. Os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,131) = 1.46$; $p = .229$), e um efeito significativo simples da Igualdade ($F(1,113) = 5.55$; $p = .020$) mas não de Mercado ($F(1,113) = 0.59$; $p = .444$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixo Mercado ($M = 5.60$; $SD = 1.14$) e com elevada Mercado ($M = 6.03$; $SD = 1.00$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade com elevada Mercado ($M = 6.40$; $SD = 0.60$) e com baixa Mercado ($M = 6.30$; $SD = 1.00$).

De forma exploratória, realizámos uma série de análises factoriais a 2 factores para comparar os efeitos principais e de interacção dos outros cruzamentos possíveis entre preferências relacionais sobre o populismo e pluralismo. Começamos por apresentar as análises dos efeitos sobre o populismo.

Para Mercado e Autoridade, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,113) = 0.93$; $p = .336$), e um efeito significativo simples do Mercado ($F(1,113)$

= 18.27; $p = .000$) mas não de Autoridade ($F(1,113) = 0.03$; $p = .874$) sobre o populismo. Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pelo Mercado tanto com baixa Autoridade ($M = 4.00$; $SD = 1.00$) como com elevada Autoridade ($M = 3.80$; $SD = 1.00$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente ao Mercado com elevada Autoridade ($M = 4.60$; $SD = 1.00$) e com baixa Autoridade ($M = 4.74$; $SD = 1.00$).

Para Autoridade e Igualdade, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,114) = 0.16$; $p = .697$), e haver um efeito significativo simples da Igualdade ($F(1,114) = 27.83$; $p = .000$) mas não de Autoridade ($F(1,114) = 0.94$; $p = .332$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixa Autoridade ($M = 4.00$; $SD = 1.00$) e com elevada Autoridade ($M = 4.70$; $SD = 0.71$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade com elevada Autoridade ($M = 5.00$; $SD = 1.00$) e com baixa Autoridade ($M = 4.80$; $SD = 1.02$).

Para Igualdade e Mercado, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,131) = 3.17$; $p = .077$), e um efeito significativo simples da Igualdade ($F(1,131) = 15.49$; $p = .000$) mas não de Mercado ($F(1,31) = 0.37$; $p = .544$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixo Mercado ($M = 3.81$; $SD = 0.90$) e com elevada Mercado ($M = 4.33$; $SD = 1.02$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade seja com elevada preferência ($M = 5.10$; $SD = 0.80$) ou com baixa preferência pelo Mercado ($M = 4.80$; $SD = 1.00$).

Para Igualdade e Comunhão, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,130) = 2.75$; $p = .100$), mas os dois efeitos simples são significativos: um efeito da Igualdade ($F(1,31) = 12.51$; $p = .001$) e um efeito da Comunhão ($F(1,30) = 6.41$; $p = .013$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixa Comunhão ($M = 3.72$; $SD = 0.82$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência baixa pela Igualdade mas

preferência elevada com a Comunhão ($M = 4.52$; $SD = 0.90$) com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade com elevada Comunhão ($M = 4.71$; $SD = 1.20$) e com baixa Comunhão ($M = 4.89$; $SD = 1.00$).

Para Mercado e Comunhão, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,130) = 0.20$; $p = .648$), e um efeito significativo simples da Mercado ($F(1,130) = 4.72$; $p = .032$) e de Comunhão ($F(1,130) = 13.62$; $p = .000$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Comunhão com baixa preferência pelo Mercado ($M = 3.80$; $SD = 0.82$) e os participantes com elevada preferência pelo Mercado e baixa preferência pela Comunhão ($M = 4.24$; $SD = 1.18$) exprimem menos atitudes populistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Comunhão com elevada Mercado ($M = 4.52$; $SD = 1.10$) e com baixa Mercado ($M = 4.84$; $SD = 0.90$).

Para Mercado e Autoridade, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,113) = 0.30$; $p = .611$), e haver um efeito significativo simples da Mercado ($F(1,113) = 8.93$; $p = .003$) mas não de Autoridade ($F(1,113) = 0.50$; $p = .500$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pelo Mercado tanto com baixa Autoridade ($M = 5.61$; $SD = 1.10$) como com elevada Autoridade ($M = 5.83$; $SD = 1.10$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente ao Mercado com elevada Autoridade ($M = 6.30$; $SD = 0.84$) e com baixa Autoridade ($M = 6.30$; $SD = 0.70$).

Para Igualdade e Autoridade, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,11) = 0.20$; $p = .662$), e um efeito significativo simples da Igualdade ($F(1,114) = 12.68$; $p = .001$) mas não de Autoridade ($F(1,114) = 0.02$; $p = .903$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixa Autoridade ($M = 5.73$; $SD = 1.10$) e com elevada Autoridade ($M = 5.70$; $SD = 1.20$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade com elevada Autoridade ($M = 6.32$; $SD = 0.83$) e com baixa Autoridade ($M = 6.43$; $SD = 0.63$).

De seguida, realizámos o mesmo tipo de análises para os efeitos sobre o pluralismo. Para Comunhão e Autoridade, os resultados indicam não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,113) = 0.20$; $p = .655$), e um efeito significativo simples da Comunhão ($F(1,113) = 14.49$; $p = .000$) mas não de Autoridade ($F(1,113) = 0.14$; $p = .716$).

Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Comunhão com baixa Autoridade ($M = 5.63$; $SD = 1.10$) e com elevada Autoridade ($M = 5.80$; $SD = 1.10$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana pela Comunhão e com elevada Autoridade ($M = 6.40$; $SD = 0.73$) e com baixa Autoridade ($M = 6.40$; $SD = 0.80$). Para Comunhão e Mercado, os resultados indicam haver um efeito significativo de interacção ($F(1,130) = 4.90$; $p = .029$), e um efeito significativo simples da Comunhão ($F(1,114) = 12.25$; $p = .001$) mas não de Mercado ($F(1,130) = 2.04$; $p = .156$). Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Comunhão com baixo Mercado ($M = 5.43$; $SD = 1.20$) e com elevada preferência pelo Mercado ($M = 6.10$; $SD = 0.70$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Comunhão com elevada preferência pelo Mercado ($M = 6.43$; $SD = 0.60$) e com preferência baixa pelo Mercado ($M = 6.30$; $SD = 0.74$).

Os resultados indicam ainda não haver um efeito significativo de interacção ($F(1,130) = 1.60$; $p = .307$), e haver apenas um efeito significativo simples da Comunhão ($F(1,130) = 5.21$; $p = .024$) e de Igualdade ($F(1,130) = 5.21$; $p = .024$) sobre o pluralismo. Este efeito indica que os participantes com preferência reduzida (abaixo da mediana) pela Igualdade com baixa Comunhão ($M = 5.53$; $SD = 1.11$) e com elevada Igualdade ($M = 6.20$; $SD = 0.93$) exprimem menos atitudes pluralistas que os participantes com preferência acima da mediana relativamente à Igualdade com elevada Comunhão ($M = 6.40$; $SD = 0.74$) e com baixa Comunhão ($M = 6.40$; $SD = 0.60$).

5. DISCUSSÃO

O objectivo geral deste estudo era o de contribuir para a compreensão da relação psicológica entre o indivíduo e o sistema político. O populismo apresenta-se como um fenómeno político que assenta na conjuntura político-social da actualidade e que emerge como alternativa ao sistema democrático liberal. Nesse âmbito, o presente estudo procurou levantar diversas questões, relacionadas com as atitudes dos eleitores que fundamentam as afiliações políticas, sobre as preferências por determinados regimes que reflectem em si diferentes formas de legitimação do poder e liderança. Para tal, propusemo-nos a compreender se as atitudes populistas e pluralistas estão associadas a diferenças preferenciais ao nível da legitimação do poder e liderança e sobre a relação entre a auto-eficácia e as atitudes populistas.

Este estudo teve como foco o teste da associação das diferentes atitudes políticas a diferentes tipos de liderança política idealizada com base em conjugações dos modelos relacionais, baseadas em visões distintas relativamente à legitimação do poder, assim como o teste da relação entre as atitudes populistas e pluralistas e a auto-eficácia e por fim, da relação entre estes três conjuntos de variáveis, nomeadamente a mediação da relação entre as variáveis psicológicas e as atitudes políticas pela idealização da liderança política baseada em diferentes modelos relacionais.

Definida assim a estrutura do estudo e quais os pontos a estudar, procedemos à postulação das hipóteses. Iniciámos esta construção pela relação hipotética entre as atitudes políticas (Populistas ou Pluralistas) e as preferências relativamente à legitimação do poder e liderança que seriam sustentadas pela Teoria dos Modelos Relacionais. A escala de populismo, que se divide em três subescalas (populismo, pluralismo e elitismo), serviu para medir as atitudes políticas dos participantes nessas três dimensões.

Pretendia-se perceber, dentro das hipóteses referidas anteriormente, se existiram diferenças ao nível da legitimação do poder e liderança entre populistas e pluralistas. A nossa definição dos tipos de legitimação do poder e liderança teve como suporte a teoria de Max Weber

(1913) sobre dominação. Para este a dominação é entendida como a autoridade de um ou mais indivíduos sobre o outro ou outros, neste caso do Estado sobre o cidadão de forma a manter ou impor uma ordem social. Ora, esta dominação emerge de motivações como o respeito pelas leis e procedimentos regulares e previsíveis produzidos de forma a maximizar a racionalidade das decisões (legitimidade legal-racional), a admiração pessoal (legitimidade carismática) ou os costumes e tradições (legitimidade tradicional). Das três formas de dominação, interessámo-nos em particular pela legitimidade legal-racional, que vai ao encontro das premissas pluralistas, e da legitimidade carismática, que se enquadra nas ideias populistas.

De seguida, e com base em quatros dos domínios de interacção social definidos por Fiske (1991) (moral, influência social, processos de decisão, e estrutura relacional), adaptámos a escala dos Modelos Relacionais às relações preferidas com os líderes políticos, de forma a identificar preferências de legitimação do poder e liderança relacionadas com os tipos de legitimidade política de Weber, para testar a sua associação com as diferentes atitudes políticas. Definimos assim que a uma liderança carismática teria como base relações com os líderes políticos baseadas na Comunhão e a Autoridade (comunitarismo autoritário) e uma liderança racional relações baseadas na Igualdade e no Mercado (racionalidade igualitária).

Reconhecemos assim que a Comunhão, que tem como base a harmonia de interesses e o maior conformismo às normas sociais do grupo relativamente às individuais, e a Autoridade, que tem como princípios a ideia de que nas estruturas sociais encontram-se sempre indivíduos acima ou abaixo de outros, representam respectivamente a visão monista e a crença num só líder com a capacidade de representar as intenções da maioria do povo, superiores às das minorias, que são fundamentos do populista.

Em contrapartida, pretendíamos entender se as atitudes menos populistas e pluralistas estariam associadas a preferência por uma liderança racional, que é sustentada por um fundamento de Igualdade e Mercado nas relações eleitor-representante. A associação da Igualdade e Mercado surge da análise feita ao contexto político actual das sociedades

ocidentais, a qual tem na sua raiz um sistema democrático liberal (pluralista). Ora, este sistema defende um acesso igualitário de diferentes grupos ao poder, por via da eleição. A eleição através de votação, que podemos considerar como um processo que tem como base uma relação de Igualdade, é uma operação concreta que demonstra de forma clara uma relação equilibrada, apresentando-se como baseada na justiça na sua génese bem como uma credibilidade satisfatória dos participantes relativamente aos resultados. De outro ponto de vista, as selecções dos representantes políticos por parte dos eleitores de diferentes grupos tem como base uma relação de Mercado, pois a selecção é realizada de acordo com a relação custo/benefício, com base na motivação para a eficiência e equidade, de modo apresentar candidatos que demonstrem determinadas características que correspondam com aquelas que o cargo em si exige.

De seguida, verificámos também se a preferência por modelos de relação com políticos assentes na Igualdade e no Mercado, estão associadas com maiores níveis de auto-eficácia. A um nível individual e psicológico, os indivíduos que exprimem maior auto-eficácia no domínio da política provavelmente sentem que o sistema democrático liberal oferece mais liberdade de acção aos cidadãos, permitindo-lhes escolher quais as políticas que mais os favorecem no percurso até à concretização efectiva dos seus objectivos individuais. Posto isto, é plausível assumir que um nível mais elevado de auto-eficácia esteja relacionado com mais atitudes pluralistas, tendo estas como base uma relação de Igualdade e Mercado. Por seu turno, verificámos se a preferência por modelos de relação baseados na Comunhão e Autoridade, estariam relacionados com menores níveis de auto-eficácia. Pensávamos que a apresentação de menores níveis de auto-eficácia no domínio político, que resulta numa baixa crença na capacidade individual e na dependência externa e contextual no alcance dos objectivos pretendidos, apresenta-se ligada com as atitudes populistas, que por sua vez têm como fundamento um relação de Comunhão e Autoridade.

Posto isto, construímos as seguintes hipóteses: Hipótese1 a) - As atitudes populistas estão associadas a uma preferência por uma liderança carismática, que é uma conjunção de Comunhão e Autoridade nas relações eleitor-representante. Hipótese1 b) - As atitudes pluralistas estão associadas a uma preferência por uma liderança racional, que é constituída

por um fundamento de Igualdade e Mercado nas relações eleitor-representante. Hipótese2

a) - As preferências por modelos de relação com políticos assentes na igualdade e no mercado estão relacionadas com maiores níveis de auto-eficácia. Hipótese2 b) - As preferências por modelos de relação com políticos assentes na comunhão e na autoridade, estão relacionadas com menores níveis de auto-eficácia.

Finalmente, testou-se a hipótese exploratória de haver uma relação entre a Autoridade e a tendência de voto na dimensão ideológica esquerda-direita. Esta hipótese emerge da vontade de entender se depois da experiência portuguesa com um regime ditatorial de direita, ainda haveria uma tendência para esta associação entre direita e autoridade.

Das hipóteses por nós formuladas, apenas foi possível confirmar a associação entre a preferência por uma liderança legal-racional e o Pluralismo. Esta associação indica que os cidadãos que legitimam uma liderança que defenda um estado de direito e os procedimentos regulares e previsíveis produzidos valorizam o potencializar da racionalidade nas decisões. Segundo um estudo de Monteiro e Brochado (2005) o eleitorado português prefere um líder do tipo democrata (que aqui podemos assumir como legal- racional) em detrimento de um líder do tipo carismático. Segundo Dahl (1989) e Fishkin (1991), a liderança democrática contempla alguns comportamentos que assumimos como característicos do próprio estilo, tais como: influenciar pessoas de um modo consistente com encorajamento a princípios e processos básicos, como a autodeterminação das pessoas, a inclusão, a participação e a deliberação igualitária. Estes comportamentos entroncam-se nas bases dos modelos de relação Igualdade e Mercado, nomeadamente no que se refere à participação e às decisões igualitárias, que promovem a existência de uma relação justa entre o eleitorado e os líderes políticos e responsáveis governamentais, e que consequentemente produzem um efeito positivo no comprometimento destes com os resultados obtidos em determinada situação, assim como com a tomada de decisão com base em princípios e processos lógicos.

Por sua vez, os nossos resultados não confirmaram a hipótese da associação entre a preferência por uma liderança carismática e o Populismo. Uma das possíveis justificações para este resultado passa pela ideia de que uma liderança de cariz autoritário ser vista em Portugal como algo nefasto que remete automaticamente para o período ditatorial que assombrou a sociedade portuguesa durante quarenta e um anos. Grande parte do eleitorado português experienciou este período da história e como tal, recusa-se de certo modo a apoiar um líder que possa ameaçar os direitos alcançados no período pós-ditatorial. Embora haja eleitores que defendem algumas medidas consideradas populistas, pois encontram-se desagrados com as políticas praticadas pelos sucessivos governos democratas liberais, ainda é notória a relutância quanto à alteração do sistema de político e consequentemente dos tipos de liderança inerentes. A ideologia populista apresenta-se como uma manifestação de desagrado, embora insuficiente para alterar o sistema político instituído.

Ao analisarmos os resultados obtidos neste estudo, constatamos que o Populismo e o Pluralismo não se encontram correlacionadas entre si, o que nos permite compreender desde logo que estas variáveis não são opostas. Os participantes que manifestaram atitudes populistas não rejeitam necessariamente atitudes pluralistas, nem vice-versa. Estes resultados mostram-nos, uma vez mais, que existem participantes que se enquadram no paradigma político actual – assumindo-se como pluralistas – mas que defendem algumas medidas populistas. Ora, este populismo aqui exposto não manifesta características radicais nem autoritárias, mas sim de combate ao sistema democrático liberal estabelecido na maioria dos países ocidentais.

Outro ponto interessante na análise destes resultados, e que vem reforçar a ideia apresentada, é que a preferência pelo modelo da Autoridade não apresenta um impacto negativo sobre as atitudes políticas, no sentido de se encontrar associado ao populismo, nem um efeito de interacção com as outras variáveis do modelo. Ou seja, nos quatro tipos de liderança possíveis, apenas a Autoridade não se encontra relacionada com o populismo e o pluralismo. Podemos assim concluir que nem o populismo nem o pluralismo se baseiam numa preferência pelo estilo de liderança com bases autoritárias.

As preferências pelos modelos de Igualdade, Mercado e Comunhão encontram-se relacionadas entre si e possuem todas um impacto nas atitudes populistas e pluralistas. Estes três tipos de liderança encontram-se associados aos três ideais fundamentais da revolução francesa e pilares da democracia: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. A *Liberdade* aqui apresenta-se como Mercado – hipótese de seleccionar um líder dentro de vários grupos propostos com base na relação custo/benefício, sem a existência de imposições exteriores, proporcionadas por forças políticas ou institucionais que influenciem a escolha dos eleitores. A *Igualdade* apresenta-se obviamente como a Igualdade – o acesso igualitário de diferentes grupos ao poder, por via da eleição. Este processo, característico do sistema político democrático liberal, tem como base uma relação de Igualdade pois trata-se de uma operação concreta, equilibrada, que manifesta justiça e credibilidade perante os resultados obtidos. Finalmente a *Fraternidade* apresenta-se como Comunhão – a preferência pela harmonia de interesses e conformismo às normas sociais do grupo relativamente às individuais. Ou seja, um estado livre mas unido em torno de um bem comum. Assim verificamos que os participantes deste estudo têm preferência por tipos de liderança que se enquadram nos ideais fundamentais da democracia, mesmo quando manifestam atitudes populistas.

Em última análise, concluímos que este estudo não usou uma medida relativamente às atitudes políticas que nos permitisse captar ideias populistas antidemocráticas e radicais. Os itens que compõem a escala de populismo não questionam os participantes sobre posições extremistas, mas sim posições que revelam descontentamento perante as insuficiências da democracia liberal, que levam consequentemente a uma descrença nesta; o populismo aqui reflectido é difuso, mas não necessariamentepositor do pluralismo. Assumimos, assim, que o populismo manifestado neste estudo é sustentado pela insatisfação com a democracia liberal e não pelos ideais teóricos descritos na literatura.

Por fim, nenhuma das nossas hipóteses relativamente à Auto-eficácia revelou qualquer efeito significativo nas preferências de liderança. Este resultado pode-se prender com as contingências da amostra, uma vez que uma grande parte dos inquiridos não respondeu positivamente às questões de validação da escala de Auto-eficácia.

Relativamente ao modelo teórico por nós proposto, após as análises feitas, conseguimos obter alguns resultados interessantes que poderão ser relevantes para futuras investigações sobre atitudes políticas e preferências de liderança, neste caso sustentadas pela Teoria dos Modelos Relacionais, mas os resultados mostraram que não existe um padrão claro de preferência de liderança correspondente a cada atitude política (Populista ou Pluralista). Existe sim, uma amplitude alargada de preferências de liderança consoante a atitude política revelada.

5.1 Limitações do estudo

Neste ponto iremos abordar as limitações do presente estudo, bem como sugerir as linhas orientadoras para futuros estudos a ter em conta nesta área. E primeiro lugar, verifica-se um enviesamento da amostra recolhida pelo facto de os participantes serem maioritariamente eleitores de esquerda, quando a tendência natural seria para número maior de eleitores de centro. Em segundo lugar, de forma involuntária, introduziu-se no questionário uma escala de autoritarismo juntamente com a de populismo, que embora não tenha sido analisada neste estudo, poderá ter enviesado a percepção dos participantes sobre o que é o populismo. Em terceiro lugar, a escala do populismo foi construída com o propósito de analisar as atitudes políticas num contexto muito concreto que é o holandês.

Por fim, sugerimos que seria interessante replicar o modelo teórico deste estudo uma vez que, conseguimos obter algumas conclusões interessantes nomeadamente, que o populismo não tem necessariamente uma posição autoritária inerente. Contudo, acreditamos que com uma amostra de participantes superior e com uma distribuição ideológica mais próxima da distribuição do eleitorado português é possível obter resultados mais fidedignos e mais próximo da realidade. Relativamente à escala dos Modelos Relacionais adaptada para este estudo, acreditamos que poderá ser melhorada de forma a averiguar com maior rigor aquilo a que se propõe.

6. BIBLIOGRAFIA

Akkerman, A., Mudde, C., & Zaslove, A. (2014). How populist are the people? Measuring populist attitudes in voters. *Comparative Political Studies*, 47 (9), 1324–1353. doi:10.1177/0010414013512600

Andreouli, E., Figgou, L., Kadianaki, I., Sapountzis, A., & Xenitidou, M. (2017). “Europe” in Greece: Lay constructions of Europe in the context of Greek immigration debates. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 27(2), 158-168.

Balch, G. (1974). Multiple Indicators in Survey Research: The Concept "Sense of Political Efficacy". *Political Methodology*, 1(2), 1-43. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/25791375>

Brito, R., Waldzus, S., Sekerdej, M., & Schubert, T. (2011). The contexts and structures of relating to others: How memberships in different types of groups shape the construction of interpersonal relationships. *Journal of social and personal relationships*, 28(3), 406-432.

Campbell, A., Gurin, D. and Miller, W.E. (1954) *The Voter Decides*. Row, Peterson, and Company, New York.

Dinc, P. (2016). Mapping Populism: Definitions, Cases, and Challenges to Democracy. *Istanbul Policy Center, At Sabanci University*, 1-16.

Fiske, A. P. (1991). Structures of social life: The four elementary forms of human relations: Communal sharing, authority ranking, equality matching, market pricing. New York, NY, US: Free Press.

Fiske, A. P. (1992). The four elementary forms of sociality: Framework for a unified theory of social relations. *Psychological Review*, 99(4), 689-723.

Fiske, A. P. (2004). Four modes of constituting relationships: Consubstantial assimilation; space, magnitude, time and force; concrete procedures; abstract symbolism. In N. Haslam, Ed., *Relational Models Theory: A Contemporary Overview* pp. 61–146. Mahwah, NJ: Erlbaum.

Fiske, A. P., & Haslam, N. (2005). The four basic social bonds: Structures for coordinating interaction. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 267-298). New York: Guilford Press.

Fiske, S. (2000), Stereotyping, prejudice, and discrimination at the seam between the centuries: evolution, culture, mind, and brain. *European Journal of Social Psychology*. 30(3), 299-322.

Galito, M. (2017). "Populismo : conceptualização do fenómeno". Instituto Superior de Economia e Gestão – CEsA/CSG Documentos de Trabalho nº 158-2017

Guedes, N. (2016). Esquerda-direita: análise das posições ideológicas do PS e do PSD (1990-2010). *Sociologia, Problemas e Práticas*, (80), 95-116.

Haslam, N., & Fiske, A. P. (1999). Relational models theory: A confirmatory factor analysis. *Personal Relationships*, 6(2), 241-250.

Haslam, S. A. (2004). Leadership. In A. Kuper, & J. Kuper (Eds.), *The social science encyclopedia*, (3rd ed.). New York, Routledge.

Hawkins, K. A., Riding S., & Mudde, C. (2012). Measuring populista attitudes. Political Concepts Committee on Concepts and Methods Working Paper Series , 55, 1–35.

Ionescu, Ghița, (ed.) & Gellner, Ernest, (ed.) & London School of Economics and Political Science (1969). *Populism : its meaning and national characteristics* (1st American ed). Macmillan, New York.

Larking, N. & Kinnvall, C. (2012). The Discursive Frames of Political Psychology. *Political Psychology*, 33(1), 45-59.

Mudde, C. (2004) ‘The Populist Zeitgeist’, Government and Opposition. *Political Studies* 39 (4), 542–63

Monteiro, A. P., & Brochado, A. M. (2005). Características de um líder político. As preferências dos eleitores portugueses. In *Cities in competition. XV Spanish-Portuguese Meeting of Scientific Management (2005)*, p 167-178. Universidad de Sevilla.

Pappas, T. (2016). Are Populist Leaders ‘Charismatic’? The Evidence from Europe. *Constellations*, 23(3).

Rodrigues, H. & Mattar, C. (2012). Psicologia, filosofia, encruzilhadas, experimentações: caminhos possíveis no diálogo com Kierkegaard e Foucault. *Psicologia: Ciência e Profissão*, (32) 276-291.

Silva, R. & Carvalhaes, F. (2016). Psicologia e Políticas Públicas: Impasses e Reinvenções. *Psicologia & Sociedade*, 28 (2), 247-256.

Vecchione, M., Caprara, G. V., Caprara, M. G., Alessandri, G., Tabernero, C., & González-Castro, J. L. (2014). The Perceived Political Self-Efficacy Scale–Short Form (PPSE-S) A Validation Study in Three Mediterranean Countries. *Cross-Cultural Research*, 48(4), 368-384.

Weber, M. (1913). *La Domination*. Paris: La Découverte.

7. ANEXOS

7.1 Consentimento Informado

7.2 Questionário

7.1 Consentimento Informado

Populism

Início do bloco: Estudo sobre Atitudes Políticas.

Q9 Estudo sobre Atitudes Políticas Gostaríamos de o/a convidar para participar num estudo desenvolvido na Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) para a dissertação de mestrado em Psicologia Social e das Organizações de Diogo Tomás sob a orientação do Prof. Doutor Rodrigo Brito. Para que possa decidir de forma informada se deseja ou não participar neste estudo, iremos explicar os seus objetivos e funcionamento. Este estudo tem como objetivo compreender algumas atitudes políticas do ponto de vista psicológico e social em pessoas com interesse pela política. Interessa-nos nomeadamente entender como as pessoas vêm as relações dos políticos eleitos com os seus eleitores e cidadãos em geral e como gostariam que essas relações se desenrolassem. Para isso pedimos-lhe que responda a um questionário com a duração aproximada de 20 minutos. A participação neste estudo é voluntária e pode desistir a qualquer momento fechando a página do estudo. Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais e serão apenas tratados estatisticamente – nunca se fará uma análise individualizada das suas respostas – para divulgação científica. Com a sua participação, estará a contribuir para o conhecimento de alguns processos psicológicos que têm efeito sobre as atitudes políticas nas sociedades contemporâneas, sem qualquer risco ou prejuízo para si. Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da ULHT, a qual consiste num grupo de investigadores independentes, que avaliaram este estudo do ponto de vista ético, nomeadamente, assegurando que salvaguarda a inexistência de potenciais de risco/danos para os participantes. Para mais informações sobre este estudo, contactar diogo_tomaz5@hotmail.com ou rodrigo.brito@ulusofona.pt Ao clicar no botão abaixo, está a indicar que compreendeu e dá o seu consentimento informado para participar neste estudo.

7.2 Questionário

Q10 Por favor comece por preencher alguns dados demográficos sobre si próprio/a

Q3 Género

☐ Feminino (1)

☐ Masculino (2)

Q4 Idade

Q5 Habilitações literárias

☐ Básico (1)

☐ Secundário/médio (2)

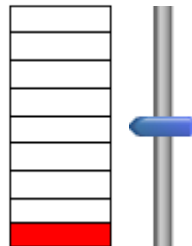
☐ Licenciatura (3)

☐ Mestrado (4)

☐ Doutoramento (5)

Quebra de
página

Q8 De uma forma geral umas pessoas estão no topo da nossa sociedade e outras estão na base. A seguinte imagem representa a sociedade do topo à base. Em que ponto da escala acha que se encontra atualmente?



- 1 (1)
- 2 (2)
- 3 (3)
- 4 (4)
- 5 (5)
- 6 (6)
- 7 (7)
- 8 (8)
- 9 (9)

Quebra de
página

Q12 Apresentamos-lhe aqui algumas afirmações sobre temas políticos e sociais. Por favor indique até que ponto concorda com cada uma dessas afirmações.

	Não concordo de modo nenhum (1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	Concordo completamente (7)
• A política é, fundamentalmente, uma luta entre o bem e o mal (1)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• O nosso país seria mais bem governado se as decisões importantes fossem tomadas por pessoas de negócios (2)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Preferia ser representado por um cidadão do que por um político eleito. (3)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Os políticos eleitos falam demais e agem de menos (4)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• É importante escutar a opinião de outros grupos sociais. (5)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Em democracia, é importante aceitar fazer concessões entre pontos de vista divergentes. (6)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Os políticos deviam ser mais líderes do que	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

seguidores do povo. (7)							
• A diversidade limita a minha liberdade. (8)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Os políticos no parlamento português deviam seguir a vontade do povo. (9)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Aquilo a que as pessoas chamam fazer concessões, em política, é na verdade vender os seus princípios. (10)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Quem devia tomar as nossas decisões políticas mais importantes são o povo e os não-políticos. (11)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• O nosso país seria mais bem governado se as decisões importantes fossem tomadas por especialistas independentes. (12)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Os grupos de interesses exercem demasiada influência sobre as decisões políticas. (13)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• As diferenças políticas entre a elite e o povo são maiores	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

do que as diferenças dentro do povo. (14)

- A nossa sociedade precisa de líderes fortes, que possam erradicar o extremismo e a imoralidade que dominam atualmente. (15)

- A nossa sociedade necessita de pensadores livres, que tenham coragem de confrontar as ideias convencionais, mesmo que isso incomode muitas pessoas. (16)

- As tradições e valores antigos ainda nos mostram a melhor forma de viver. (17)

- A nossa sociedade seria melhor se mostrássemos tolerância e compreensão por ideias e valores diferentes (não convencionais). (18)

- As leis que penalizam o aborto e a pornografia, e que protegem o matrimónio, devem ser estritamente respeitadas. As



transgressões
devem ser
penalizadas
severamente. (19)

- A sociedade precisa de mostrar maior abertura para com as pessoas que pensam por si mesmas e de forma diferente das autoridades, em vez de apoiar o que as autoridades decidem por nós. (20)

- Muitas pessoas desafiam o Estado, criticam a Igreja e ignoram as formas convencionais da vida, sem por isso deixarem de ser boas pessoas. (21)

- Os nossos antepassados devem ser mais admirados e respeitados pela sua contribuição para a nossa sociedade, sobretudo nesta época em que existem forças que tentam destruí-la. (22)

- Existem muitas pessoas radicais e imorais que tentam estragar as coisas.



A sociedade deve travá-los. (23)

- Pela defesa da liberdade de expressão deveríamos permitir a publicação de qualquer literatura, ainda que a consideremos de má ou contrária às nossas ideias. (24)

☐☐☐☐☐☐☐

- A situação atual da nossa sociedade melhoraria se os agitadores fossem tratados humanamente e se tentassem fazê-los ver a razão. (25)

☐☐☐☐☐☐☐

- Todo o bom cidadão deveria ajudar a eliminar a maldade que envenena o nosso País por dentro. (26)

☐☐☐☐☐☐☐

Q13 Imagine o seu ideal-tipo de político/a, ou seja aquele ou aquela que gostaria que o/a representasse enquanto eleitor e cidadão/ã. Por favor indique até que ponto cada frase representa esse ideal-tipo de político/a. 0 = Não representa de modo nenhum; 6 = Representa completamente

	Não representa de modo nenhum (1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	Representa completamente (7)
Tem sentimentos de gentileza e compaixão para com os/as seus/suas concidadãos/ãs; (1)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sente-se um/uma igual aos/às seus/suas concidadãos/ãs; (2)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sente que devia ser tratado/a com especial respeito pelos/as seus/suas concidadãos/ãs; (3)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Sente que devia tratar os/as seus/suas concidadãos/ãs de acordo com o quanto cada um contribui para a sociedade (4)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Procura chegar a decisões políticas com	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

base em consensos sociais; (5)							
Procura chegar a decisões políticas baseado nos julgamentos de maiorias sociais; (6)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Procura chegar a decisões políticas baseadas em autoridades hierárquicas; (7)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Procura chegar a decisões políticas baseadas em cálculos racionais, isto é, pesando os custos e benefícios (8)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Partilha atitudes e valores muito semelhantes com os das/dos seus/suas concidadãos/ãs; (9)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
É um/a líder para os/as seus/suas concidadãos/ãs, que seguem as suas orientações; (10)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Oferece e exige tratamento igual para si próprio/a e para os/as seus/suas concidadãos/ãs; (11)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Oferece aos funcionários públicos e empresas com contratos com o Estado remuneração que é proporcional ao valor do seu trabalho (12)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Vê a sociedade como uma única entidade coletiva; (13)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Vê a sociedade como uma associação de indivíduos autónomos com direitos iguais; (14)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Vê a sociedade como uma estrutura hierárquica; (15)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Vê a sociedade como um espaço para interação livre e racional (16)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Quebra de
página



Q14 Leia a seguinte lista de comportamentos relacionados com a política. Indique todos os comportamentos que tem ou já teve.

- ☐ • Contacta diretamente com políticos (1)
- ☐ • Colabora num partido (sendo ou não militante) (2)
- ☐ • Colaborou nalguma organização política (3)
- ☐ • Usou um crachá com mensagem política (4)
- ☐ • Assinou uma petição (5)
- ☐ • Participou numa manifestação pública (6)
- ☐ • “Boicotou produtos” (7)

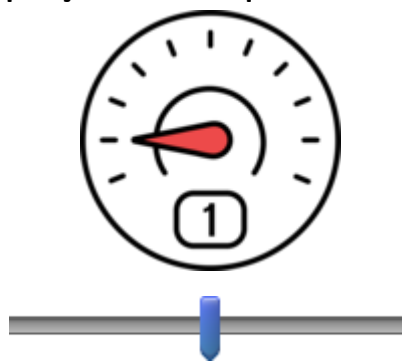


Q16 As seguintes frases também se referem a comportamentos políticos. Neste caso, por favor indique com que frequência se envolve politicamente nesses comportamentos.

	Nunca (1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	Sempre que há uma oportunidade (7)
• Promove iniciativas públicas com o objetivo de apoiar programas políticos que defende (1)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Mantem relações de proximidade com representantes de autoridades governamentais (2)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Promove iniciativas de partilha de informação e mobilização na sua comunidade (de trabalho, amigos e família), com o propósito de sustentar os programas políticos que defende (3)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
• Utiliza os meios disponíveis enquanto cidadão para monitorizar	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

criticamente as
ações dos
políticos
eleitos. (4)

Q17 Em política é costume falar-se de esquerda e direita. Como é que se posicionaria nesta escala, em que 0 representa a posição mais à esquerda e 10 a posição mais à direita?



0 (0) 1 (1) 2 (2) 3 (3) 4 (4) 5 (5) 6 (6) 7 (7) 8 (8) 9 (9) 10 (10)



Q19 Nas últimas eleições legislativas em que partido/coligação votou?

- ☐ MAS (Movimento Alternativa Socialista) (67)
- ☐ B.E. (Bloco de Esquerda) (68)
- ☐ PCP-PEV (CDU – Coligação Democrática Unitária) (69)
- ☐ JPP (Juntos pelo Povo) (70)
- ☐ LIVRE (71)
- ☐ NC (Nós, Cidadãos!) (72)
- ☐ PPV/CDC (Partido Cidadania e Democracia Cristã) (73)
- ☐ PCTP/MRPP Partido Comunista dos Trabalhadores (74)
- ☐ Portugueses/Movimento Reorganizativo do Proletariado Português (75)
- ☐ MPT (Partido da Terra) (76)
- ☐ PDR (Partido Democrático Republicano) (77)
- ☐ PNR (Partido Nacional Renovador) (78)
- ☐ PPM (Partido Popular Monárquico) (79)
- ☐ PS (Partido Socialista) (80)
- ☐ PURP (Partido Unido dos Reformados e Pensionistas) (81)
- ☐ PAN (Pessoas–Animais–Natureza) (82)
- ☐ PPD/PSD (Partido Social Democrata) (83)
- ☐ POUS (Partido Operário de Unidade Socialista) (84)
- ☐ PTP (Partido Trabalhista Português) (85)
- ☐ CDS-PP (Partido Popular) (86)

- ☐ Votou em branco / nulo (87)
- ☐ Outro (88)

Q20 Se as próximas eleições legislativas fossem agora, em que partido votaria?

- ☐ MAS (Movimento Alternativa Socialista) (2746)
- ☐ B.E. (Bloco de Esquerda) (2747)
- ☐ PCP-PEV (CDU – Coligação Democrática Unitária) (2748)
- ☐ JPP (Juntos pelo Povo) (2749)
- ☐ LIVRE (2750)
- ☐ NC (Nós, Cidadãos!) (2751)
- ☐ PPV/CDC (Partido Cidadania e Democracia Cristã) (2752)
- ☐ PCTP/MRPP Partido Comunista dos Trabalhadores (2753)
- ☐ Portugueses/Movimento Reorganizativo do Proletariado Português (2754)
- ☐ MPT (Partido da Terra) (2755)
- ☐ PDR (Partido Democrático Republicano) (2756)
- ☐ PNR (Partido Nacional Renovador) (2757)
- ☐ PPM (Partido Popular Monárquico) (2758)
- ☐ PS (Partido Socialista) (2759)
- ☐ PURP (Partido Unido dos Reformados e Pensionistas) (2760)
- ☐ PAN (Pessoas–Animais–Natureza) (2761)
- ☐ PPD/PSD (Partido Social Democrata) (2762)

- ☐ POUS (Partido Operário de Unidade Socialista) (2763)
 - ☐ PTP (Partido Trabalhista Português) (2764)
 - ☐ CDS-PP (Partido Popular) (2765)
 - ☐ Aliança (2766)
 - ☐ IL (Iniciativa Liberal) (2767)
 - ☐ PLD (Partido Liberal Democrata) (2768)
 - ☐ Votou em branco / nulo (2769)
 - ☐ Outro (2770)
-

Q17 Se as próximas eleições europeias fossem agora, votaria no mesmo partido que indicou para as legislativas?

- ☐ Sim (1)
 - ☐ Não (2)
-

Apresentar esta pergunta:

If Se as próximas eleições europeias fossem agora, votaria no mesmo partido que indicou para as legi... =
Não



Q18 Se respondeu Não na questão anterior, em que partido votaria?

- ☐ MAS (Movimento Alternativa Socialista) (1)
- ☐ B.E. (Bloco de Esquerda) (2)
- ☐ PCP-PEV (CDU – Coligação Democrática Unitária) (3)
- ☐ JPP (Juntos pelo Povo) (4)
- ☐ LIVRE (5)
- ☐ NC (Nós, Cidadãos!) (6)
- ☐ PPV/CDC (Partido Cidadania e Democracia Cristã) (7)
- ☐ PCTP/MRPP Partido Comunista dos Trabalhadores (8)
- ☐ Portugueses/Movimento Reorganizativo do Proletariado Português (9)
- ☐ MPT (Partido da Terra) (10)
- ☐ PDR (Partido Democrático Republicano) (11)
- ☐ PNR (Partido Nacional Renovador) (12)
- ☐ PPM (Partido Popular Monárquico) (13)
- ☐ PS (Partido Socialista) (14)
- ☐ PURP (Partido Unido dos Reformados e Pensionistas) (15)
- ☐ PAN (Pessoas–Animais–Natureza) (16)
- ☐ PPD/PSD (Partido Social Democrata) (17)
- ☐ POUS (Partido Operário de Unidade Socialista) (18)
- ☐ PTP (Partido Trabalhista Português) (19)
- ☐ CDS-PP (Partido Popular) (20)

Diogo Tomás – Populismo e Pluralismo: com preferências de Liderança com base na Teoria dos Modelos Relacionais

- ☐ Aliança (21)
- ☐ IL (Iniciativa Liberal) (22)
- ☐ PLD (Partido Liberal Democrata) (23)
- ☐ Votou em branco / nulo (24)
- ☐ Outro (25)

Fim do bloco: Estudo sobre Atitudes Políticas Gostaríamos de o/a convidar para participar num

Início do bloco: Bloco 1
